

linguagem = forma de expressão da ARQUITETURA

# Linguagem dos Signos (semiótica)

Universidade Federal de Santa Catarina  
Marcelo Galafassi  
Prof. Dra.: Sônia Afonso

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
disciplina: Idéia, Método e Linguagem  
ARQ 1101 Maio 2010

# Semiótica

trechos extraídos do livro “Semiótica e Filosofia da Linguagem”, de  
Umberto Eco

# Semiótica

trechos extraídos do livro “Semiótica e Filosofia da Linguagem”, de  
Umberto Eco

SEMIÓTICA

# Semiótica

trechos extraídos do livro “Semiótica e Filosofia da Linguagem”, de  
Umberto Eco

SEMIÓTICA

do grego semeiotiké (arte dos sinais)  
doutrina formal dos **signos**

# Semiótica

trechos extraídos do livro “Semiótica e Filosofia da Linguagem”, de  
Umberto Eco

SEMIÓTICA

do grego semeiotiké (arte dos sinais)  
doutrina formal dos **signos**

SIGNOS

# Semiótica

trechos extraídos do livro “Semiótica e Filosofia da Linguagem”, de  
Umberto Eco

## SEMIÓTICA

do grego semeiotiké (arte dos sinais)  
doutrina formal dos **signos**

## SIGNOS

unidade lingüística que tem significante e  
significado

o termo italiano *segno* pode corresponder  
em português tanto a **signo** (do latim *signu*)  
quanto a **sinal** (do latim *signale*, que em  
italiano deu *signale*)

# Semiótica

SIGNOS

# Semiótica

é possível dizer que qualquer objeto,  
som, palavra capaz de representar  
uma outra coisa constitui um **signo**

SILVA, Antônio Carlos da - As Teorias do Signo e as  
significações linguísticas

SIGNOS



# Semiótica

é possível dizer que qualquer objeto, som, palavra capaz de representar uma outra coisa constitui um **signo**

SILVA, Antônio Carlos da - As Teorias do Signo e as significações linguísticas

SIGNOS

“um **signo** é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer outra coisa”

Santo Agostinho

# Semiótica

SIGNOS

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

### ❖ Inferências Naturais

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

- ❖ Inferências Naturais
- ❖ Equivalências Arbitrárias

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

- ❖ Inferências Naturais
- ❖ Equivalências Arbitrárias
- ❖ **Diagramas**

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

❖ Inferências Naturais

❖ Desenhos

❖ Equivalências Arbitrárias

❖ Diagramas

# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

- ❖ Inferências Naturais
- ❖ Equivalências Arbitrárias
- ❖ Diagramas
- ❖ Desenhos
- ❖ Emblemas



# Semiótica

## SIGNOS

indiferente às discussões teóricas, a fala cotidiana obstinou-se em empregar dos mais variados modos a noção de **signo**

- ❖ Inferências Naturais
- ❖ Equivalências Arbitrárias
- ❖ Diagramas
- ❖ Desenhos
- ❖ Emblemas
- ❖ Alvos

# Semiótica

## DIAGRAMAS

# Semiótica

## DIAGRAMAS

- ❖ se fala em **signos** para os chamados **símbolos** que representam objetos e relações abstratas, como as fórmulas lógicas, químicas, algébricas - os **diagramas**

# Semiótica

## DIAGRAMAS

- ❖ se fala em **signos** para os chamados **símbolos** que representam objetos e relações abstratas, como as fórmulas lógicas, químicas, algébricas - os **diagramas**
- ❖ existem correspondência ponto por ponto entre expressão e conteúdo, de maneira que geralmente são arbitrários, mas contêm elementos de motivação

# Semiótica

DESENHOS

# Semiótica

## DESENHOS

- ❖ o dicionário reconhece como signo (e a fala comum permite chamá-lo de 'desenho') <<qualquer procedimento visual que reproduz objetos concretos, para comunicar o objeto ou o conceito correspondente>>

# Semiótica

## DESENHOS

- ❖ o dicionário reconhece como signo (e a fala comum permite chamá-lo de 'desenho') <<qualquer procedimento visual que reproduz objetos concretos, para comunicar o objeto ou o conceito correspondente>>
- ❖ mais espontâneo, reproduz propriedades intensionais do conteúdo

# Semiótica

EMBLEMAS



# Semiótica

## EMBLEMAS

- ❖ signos são também **desenhos** que reproduzem algo, mas de forma estilizada, de modo que não importa tanto reconhecer a coisa representada, quanto um outro conteúdo pelo qual a coisa estilizada está.

# Semiótica

## EMBLEMAS

- ❖ signos são também **desenhos** que reproduzem algo, mas de forma estilizada, de modo que não importa tanto reconhecer a coisa representada, quanto um outro conteúdo pelo qual a coisa estilizada está.
- ❖ a cruz e a meia-lua, por exemplo, são emblemas que remetem a um campo definido de significados indefinidos



# Semiótica

ALVOS

# Semiótica

## ALVOS

- ❖ signos (sinais) como **alvos** a serem usados como referência, de modo a proceder **perfile** e **per segno** (de fio a pavio)

# Semiótica

## ALVOS

- ❖ signos (sinais) como **alvos** a serem usados como referência, de modo a proceder **per file** e **per segno** (de fio a pavio)
- ❖ a estrutura de remissão é do tipo inferencial, mas com algumas complicações: se agora **p**, e se portanto você fará, **z**, então obterá **q**

# Semiótica

# Semiótica

“conforme Peirce (2000), o representâmen é o signo primeiro, pode-se dizer que é o signo como tal, o objeto é a representação do signo e o interpretante a consciência intérprete do signo, ou seja, o seu **significado**”

# Semiótica

“conforme Peirce (2000), o representâmen é o signo primeiro, pode-se dizer que é o signo como tal, o objeto é a representação do signo e o interpretante a consciência intérprete do signo, ou seja, o seu **significado**

todo signo gera um outro signo fruto da mente e é isto que Peirce chama de **interpretante...**”

SILVA, Antônio Carlos da - As Teorias do Signo e as significações linguísticas, 2003



# Semiótica

“conforme Peirce (2000), o representâmen é o signo primeiro, pode-se dizer que é o signo como tal, o objeto é a representação do signo e o interpretante a consciência intérprete do signo, ou seja, o seu **significado**”

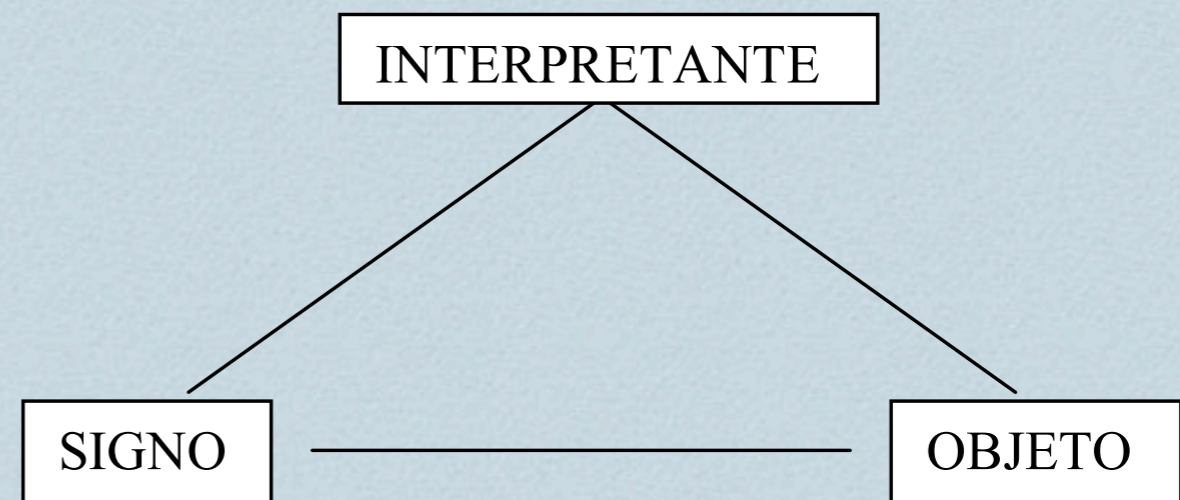


figura 1: Esquema triádico de Charles S. Peirce

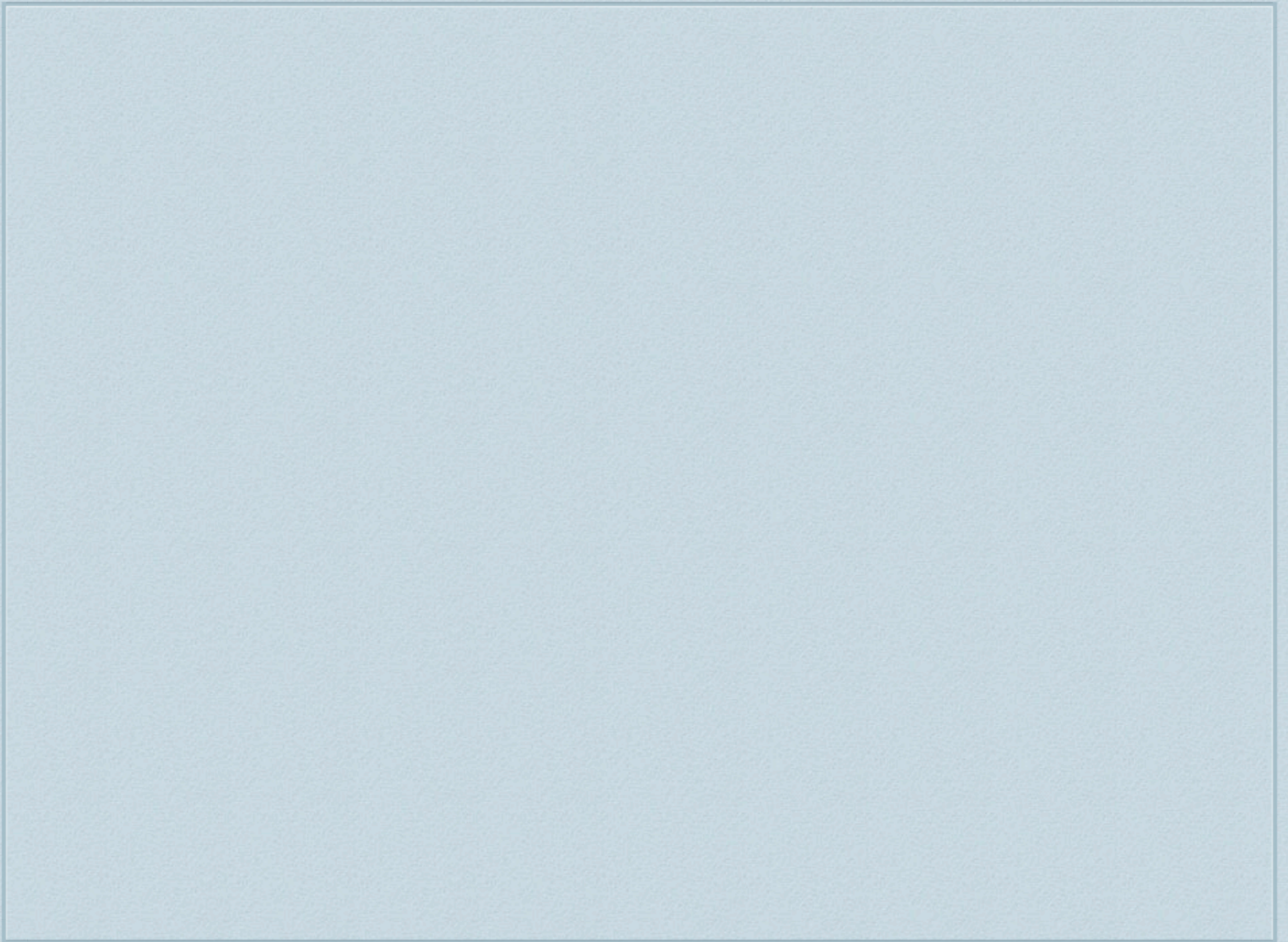
todo signo gera um outro signo fruto da mente e é isto que Peirce chama de **interpretante...**”

SILVA, Antônio Carlos da - As Teorias do Signo e as significações linguísticas, 2003



figura 2: A esfinge e as pirâmides - Egito, 2465a.C./2780 a.C.

# linguagem dos SIGNOS



segundo Monteiro (2006), como as questões relativas à linguagem aplicam-se aos diversos campos da expressão humana, é preciso limitar o campo de atuação da **linguagem da arquitetura**

segundo Monteiro (2006), como as questões relativas à linguagem aplicam-se aos diversos campos da expressão humana, é preciso limitar o campo de atuação da **linguagem da arquitetura**

é preciso refletir sobre seu principal meio de expressão e de trabalho: este meio é o **espaço**



figura 3: Piazza el Campo e Torre Mangia, Siena - Itália

é no espaço que a arquitetura efetivamente se manifesta e no qual os seus elementos podem ser arranjados (Monteiro, 2006)



figura 4: Piazza San Marco, Veneza - Itália

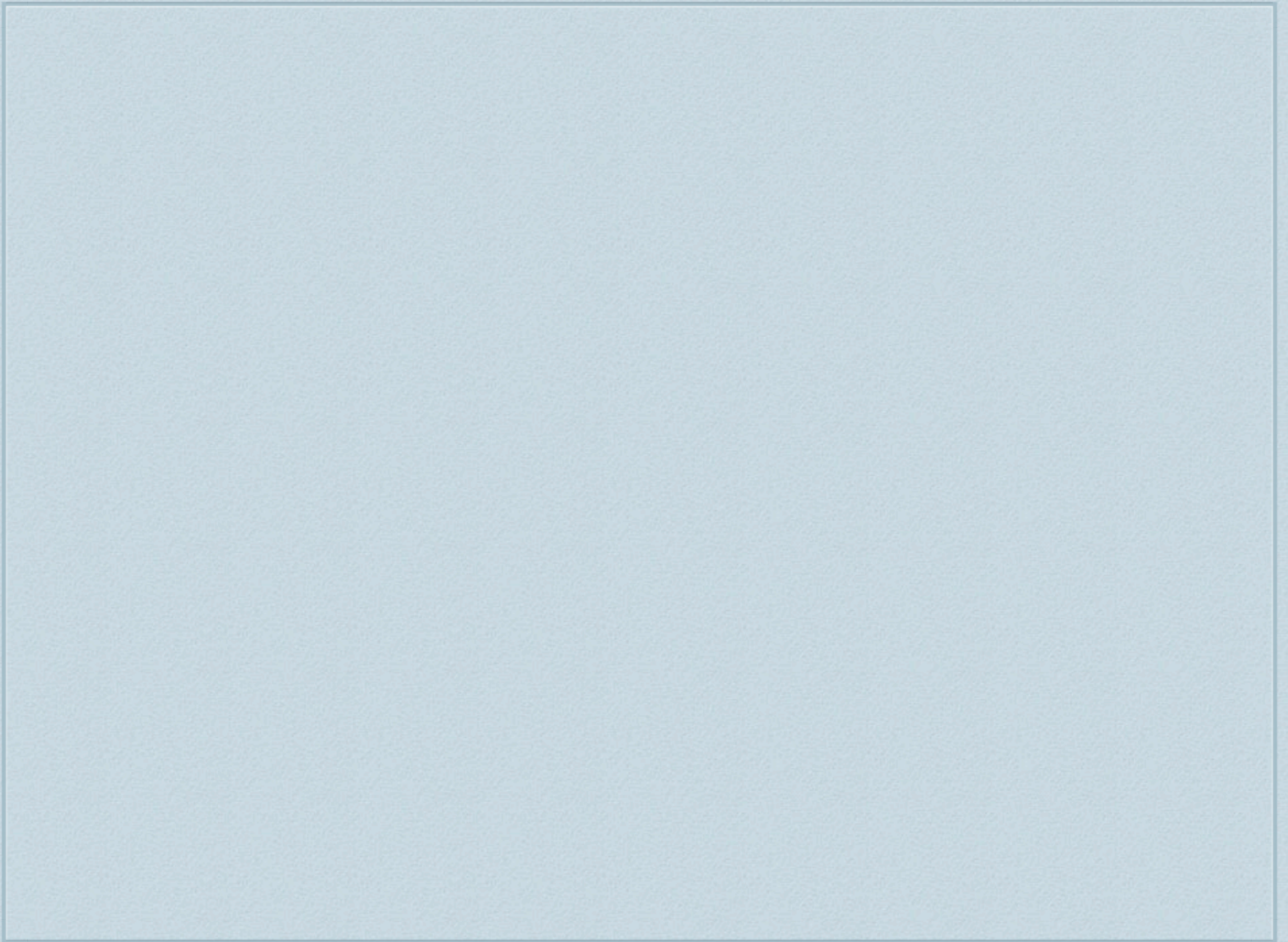
é no espaço que a arquitetura efetivamente se manifesta e no qual os seus elementos podem ser arranjados (Monteiro, 2006)

“ A linguagem da arquitetura é, portanto, o espaço. Os invólucros formais que o definem (as paredes de uma construção, por exemplo), do ponto de vista da linguagem, são considerados não um fim, mas um instrumento: as alterações que se fazem neles têm como fim a alteração do espaço como ente a ser percebido pelo homem ”

MONTEIRO, Marcos Rafael - Notas para a construção de um diálogo entre a Arquitetura e a Semiótica (2006)



figura 4: Piazza San Marco, Veneza - Itália





“Quando a **arquitetura** quer entranhar-se em um conteúdo, tem que estranhar-se a si mesma, alienar-se de si mesma, saturando-se e superando-se num nível superior - que é o da escultura...”

**PIGNATARI, Décio - Semiótica da Arte e da  
Arquitetura, pg. 26**

“Quando a **arquitetura** quer entranhar-se em um conteúdo, tem que estranhar-se a si mesma, alienar-se de si mesma, saturando-se e superando-se num nível superior - que é o da escultura...”

PIGNATARI, Décio - *Semiótica da Arte e da Arquitetura*, pg. 26

“Assim como a arquitetura pertence a forma de arte simbólica, a escultura integra a forma de arte *clássica*, num percurso evolutivo de interiorização, de subjetivação do objetivo, de fora para dentro...”

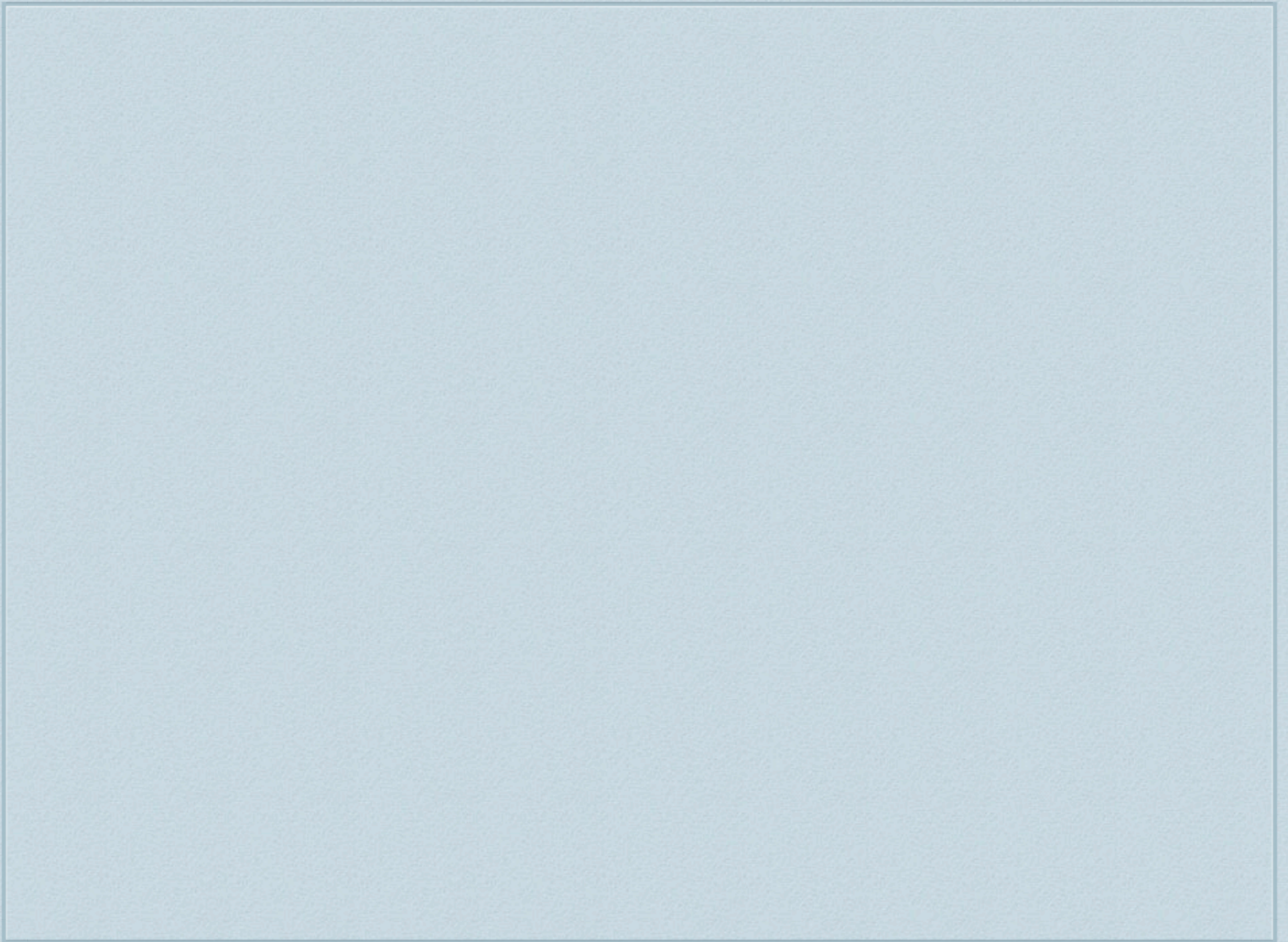
PIGNATARI, Décio - *Semiótica da Arte e da Arquitetura*, pg. 26



figura 5: Davi de Michelângelo, Florença - Itália



figura 6: Acrópole, Atenas - Grécia



“em termos semióticos, temos que o mesmo significante (uma coluna, um capitel, uma arquitrave) toma significados diferentes:

“em termos semióticos, temos que o mesmo significante (uma coluna, um capitel, uma arquitrave) toma significados diferentes:

para os gregos, é a forma natural do aprimoramento estético de elementos construtivos primários



figura 7: Tesêion, templo dórico em Atenas - Grécia

“em termos semióticos, temos que o mesmo significante (uma coluna, um capitel, uma arquitrave) toma significados diferentes:

para os gregos, é a forma natural do aprimoramento estético de elementos construtivos primários

para os romanos, de valor decorativo e simbólico, uma vez que a conjunção com os sistemas construtivos estava perdida”

COLIN, Sílvio. Uma Introdução à Arquitetura, pg. 113



figura 7: Tesêion, templo dórico em Atenas - Grécia



figura 8: Colunas romanas - Parque de La Isla, Burgos - Espanha

no entendimento de Lúcio Costa (1995) sobre a arquitetura, o domínio de uma certa linguagem arquitetônica, ou da própria arquitetura enquanto ação de ordenar e organizar espaços envolve o reconhecimento de que a criação arquitetônica surge a partir das relações formais e pragmáticas dos elementos a serem trabalhados e que diferentes formas de organização das informações existentes resultam em produtos mais ou menos adequados a uma certa intenção e finalidade



**figura 9: Plano Piloto - Brasília, Brasil  
- arquiteto Lúcio Costa, 1960**

no entendimento de Lúcio Costa (1995) sobre a arquitetura, o domínio de uma certa linguagem arquitetônica, ou da própria arquitetura enquanto ação de ordenar e organizar espaços envolve o reconhecimento de que a criação arquitetônica surge a partir das relações formais e pragmáticas dos elementos a serem trabalhados e que diferentes formas de organização das informações existentes resultam em produtos mais ou menos adequados a uma certa intenção e finalidade

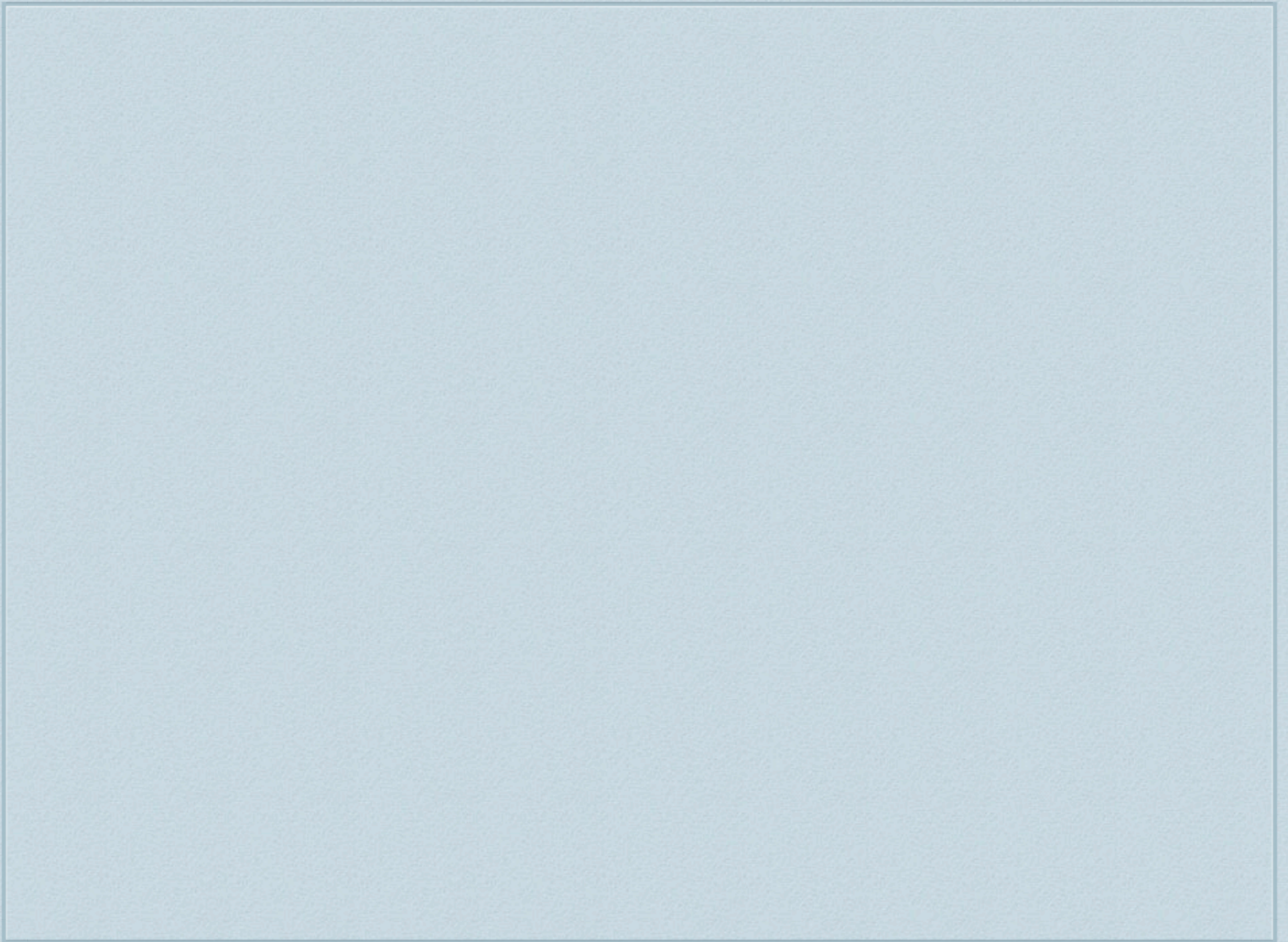


numa obra de arquitetura, os elementos de linguagem arquitetônicos, utilizados em sua composição, se dão pela relação entre seus elementos e o todo (Monteiro, 2006)

numa obra de arquitetura, os elementos de linguagem arquitetônicos, utilizados em sua composição, se dão pela relação entre seus elementos e o todo (Monteiro, 2006)



figura 10: Piazza del Duomo, Pisa - Itália



segundo Monteiro (2006),  
**Linguagem** está relacionada ao  
objeto que por sua vez nos remete  
ao signo nele existente, que é  
interpretado por um observador

segundo Monteiro (2006),  
**Linguagem** está relacionada ao  
objeto que por sua vez nos remete  
ao signo nele existente, que é  
interpretado por um observador

arquitetura é linguagem e em toda a  
linguagem há uma arquitetura, no  
sentido de criação e de significação

segundo Monteiro (2006),  
**Linguagem** está relacionada ao  
objeto que por sua vez nos remete  
ao signo nele existente, que é  
interpretado por um observador

arquitetura é linguagem e em toda a  
linguagem há uma arquitetura, no  
sentido de criação e de significação

a arquitetura possui, como a  
linguagem, um significante que nos  
remete a um significado que  
objetiva a função que aquele  
possibilita, seja de forma  
conotativa , ou mesmo denotativa



figura II: Museu Guggenheim, Bilbao -  
Espanha - arquiteto: Frank Gehry, 1997

a arquitetura é uma prática cujos resultados são especificamente simbólicos - constituem instrumentos simbólicos, atuando sobre o conjunto das demais mediações da existência, a partir dessa prática



figura II: Museu Guggenheim, Bilbao -  
Espanha - arquiteto: Frank Gehry, 1997



a arquitetura é uma prática cujos resultados são especificamente simbólicos - constituem instrumentos simbólicos, atuando sobre o conjunto das demais mediações da existência, a partir dessa prática



figura II: Museu Guggenheim, Bilbao - Espanha - arquiteto: Frank Gehry, 1997

a apropriação desses símbolos, desses códigos, é imprescindível porque a prática simbolizadora - o processo de produzir e de fruir símbolos - é mediação fundamental de nossa existência humana

## índice de figuras

- ❖ Figura 1: **Esquema triádico de Charles S. Peirce** - MONTEIRO, Marcos Rafael. Notas para a Construção de um Diálogo Entre a Arquitetura e a Semiótica. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Brasília, 2006.
- ❖ Figura 2: **A Esfinge e as Pirâmides:** <http://www.batalhaosuez.com.br/12contingenteviagensCairo6.htm> - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 3: **Piazza El Campo e torre Mangia:** <http://fmouramachado.blogspot.com/> - acessado em 29/04/2010
- ❖ Figura 4: **Piazza San Marco:** <http://lugarescomunsparafugirarotina.blogspot.com/2007/01/boleia-do-casino-royale-2.html> - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 5: **Davi, de Michelangelo:** <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=836442> - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 6: **Acrópole:** <http://greciantiga.org/img/i/i126.jpg> - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 7: **Tesêion, templo dórico:** [http://greek.hp.vilabol.uol.com.br/arte\\_grega.htm](http://greek.hp.vilabol.uol.com.br/arte_grega.htm) - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 8: **Colunas romanas:** <http://mrm.mendes.nom.br/2006-065-burgos.htm> - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 9: **Plano piloto de Brasília:** [http://www.senado.gov.br/sf/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal99/Espaco\\_cultural/cultura\\_logo.aspx](http://www.senado.gov.br/sf/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal99/Espaco_cultural/cultura_logo.aspx) - acessado em 29/04/2010
- ❖ Figura 10: **Piazza del Duomo:** [http://nl.tripadvisor.com/LocationPhotos-g187899-d195551-Piazza\\_del\\_Duomo-Pisa\\_Tuscany.html#23505441](http://nl.tripadvisor.com/LocationPhotos-g187899-d195551-Piazza_del_Duomo-Pisa_Tuscany.html#23505441) - acessado em 28/04/2010
- ❖ Figura 11: **Guggenheim Bilbao:** <http://www.salon.com/people/bc/1999/10/05/gehry/gallery.html> - acessado em 29/04/2010

## bibliografia

- ❖ **COLIN**, Sívio. Uma Introdução à Arquitetura. Rio de Janeiro, Editora UAPÊ, 2000.
- ❖ **ECO**, Umberto. Semiótica e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Editora Ática, 1991.
- ❖ **MONTEIRO**, Marcos Rafael. Notas para a Construção de um Diálogo Entre a Arquitetura e a Semiótica. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Brasília, 2006.
- ❖ **PIGNATARI**, Décio. Semiótica da Arte e da Arquitetura. 2004
- ❖ **SILVA**, Antônio Carlos da. As Teorias do Signo e as Significações Linguísticas - <http://www.partes.com.br/index39.asp> - 2003.